

FILOLOGIA, GRAMÁTICA HISTÓRICA, HISTÓRIA DA LÍNGUA: CONSTRUÇÕES DISCIPLINARES E SABERES ENSINADOS (1867-1923), DE MURIEL JORGE ¹

Caroline Mallmann Schneiders

Universidade Federal da Fronteira Sul, UFFS, Cerro Largo, RS, Brasil

A tese de Muriel Jorge problematiza os processos de disciplinarização e de didatização dos saberes linguísticos produzidos no fim do século XIX e início do século XX, período considerado como um paradigma histórico ou também denominado como histórico comparativo, para a história da Linguística. A autora destaca que, hoje, tal paradigma histórico recobre muitas denominações do passado. No que se refere à Filologia, esse domínio de saber pode ser entendido enquanto a história da cultura humana ou ser restrito à edição crítica de textos antigos. Já a Gramática histórica e a História da língua estão, geralmente, vinculadas às noções de história interna e história externa. Diante disso, Muriel Jorge questiona: Em que medida os métodos e os conteúdos de conhecimento aos quais se referem essas denominações são assimiláveis uns aos outros? Qual lugar ocupa nesses conhecimentos a identificação das causas e da natureza da mudança linguística?

Diante dessas questões, a autora busca abordar esses conhecimentos a partir de seu ensino, a fim de questionar uma segunda ideia amplamente aceita: o ensino seria incidente na história da Linguística, secundário em relação aos próprios saberes. Considera ela que o ensino constituiu um freio à renovação dos saberes linguísticos na França, no final do século XIX. Enfatiza, ainda, que esse “atraso” francês é em relação à Alemanha, na apropriação de métodos comparatista e histórico, que é atribuído ao peso da preparação ao ensino secundário. No entanto, pontua que as fontes, na maioria das vezes exploradas para refletir sobre o ensino desses saberes da época são produtos institucionais, intitulados de cátedras ou conferências, cartazes de cursos ou *Annuaires*, que não permitem o acesso aos conteúdos ensinados nem aos métodos de ensino.

Para desenvolver esse estudo de tese, Muriel Jorge utiliza como fonte principal os manuscritos produzidos por Gaston Paris, Arsène Darmesteter e Ferdinand Brunot, os quais atuaram especialmente na *École Pratique des*

¹ Tese intitulada "Philologie, grammaire historique, histoire de la langue : constructions disciplinaires et savoirs enseignés" (1867-1923), orientada pelo Prof. Dr. Dan Savatovsky, defendida em 2018, na Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3.

Hautes Études (EPHE), na Faculté des Lettres de Paris e na École Normale Supérieure (ENS) de Sèvres. Tais lugares, segundo a autora, onde os considerados sábios encontraram-se, seja como mestre e discípulo, seja como colegas, têm em comum o fato de terem sido fundados ou profundamente renovados entre os anos de 1860 e 1920. Diante dos manuscritos, Muriel Jorge detém-se nas notas de aulas, considerados como escritos profissionais, nos quais os estudiosos, que são também os professores, elaboram os saberes linguísticos a fim de ensiná-los em contextos específicos. Desse modo, ela entende que os saberes produzidos se encontram entre dois processos, o da disciplinarização e o da didatização, cuja articulação ela busca ser repensada em sua tese.

A autora pontua que o período cronológico delimitado se explica por razões epistemológicas e institucionais, bem como por estar ancorado nas carreiras de cada um dos estudiosos analisados. Enfatiza ainda que o ano de 1867 é marcado pela publicação da primeira obra intitulada *Grammaire historique de la langue française* por Auguste Brachet e pela criação do primeiro ensino com esse nome. Também destaca que, na véspera da abertura do EPHE, essas aulas, as quais assiste A. Darmesteter, são dadas por G. Paris em cursos gratuitos na rua Gerson. Já o ano de 1923 é quando foi criado o Instituto de Linguística junto à Faculté des Lettres de Paris, na qual F. Brunot é o diretor. É, pois, nesse contexto que a Linguística geral institucionaliza-se, enquanto que as aproximações históricas retornam.

A tese de Muriel Jorge está dividida em seis capítulos. No primeiro capítulo, a autora traz uma reflexão de ordem historiográfica, epistemológica e metodológica que justifica o interesse em tratar dos saberes linguísticos de tipo histórico entre os anos de 1860 e 1920 em termos de disciplinarização e de seu ensino. No segundo, destaca as carreiras docente de G. Paris, de A. Darmesteter e de F. Brunot nas instituições consideradas para a sua pesquisa. Por meio de suas correspondências privadas e de documentos oficiais, compreende que o modo de criação de cátedras ou de vagas para professor, a maneira de intitulá-las e a nomeação de um professor titular inscrevem-se nas medidas institucionais e individuais realizadas por redes científicas e políticas.

Seguindo, no terceiro capítulo, a autora coloca em evidência os conteúdos do conhecimento anunciado nas intituladas cátedras e vagas para docentes ocupadas pelos três estudiosos, além da direção dos métodos de ensino oficialmente preconizados nas instituições em que eles atuam. No quarto capítulo, é analisado o processo de didatização a partir da maneira como é identificável nas notas de aulas. Já no quinto capítulo, Muriel Jorge busca mostrar que a história da ortografia francesa, a qual já vem sendo considerada

como objeto de discussão científica desde 1898 e objeto de pesquisas nos anos de 1920, constitui-se progressivamente como um objeto de ensino legítimo. Por fim, o sexto capítulo é dedicado à discussão a respeito do Latim vulgar, uma vez que ela observa a articulação dos estudos românicos aos vinculados à Língua Francesa. Para ela, o Latim vulgar é transversal nas notas de aulas de G. Paris, de A. Darmesteter e de F. Brunot, embora seus domínios de estudo sejam identificáveis diferentemente segundo as instituições. A autora leva em conta, ainda, como um saber não escolarizável, sendo um tema próprio ao ensino superior, é incontornável, visto que garante a historicidade das línguas românicas e da Língua Francesa, a partir das quais se pode ter um olhar retrospectivo.

De acordo com Muriel Jorge, esse estudo acerca da importância da dimensão do ensino nas carreiras e nos escritos dos estudiosos e a complementariedade das notas de aulas com as fontes mais tradicionais em História das Ideias Linguísticas permite trazer para a discussão as relações entre os indivíduos e as instituições *a priori* afastadas umas das outras. Nesse sentido, Filologia, Gramática histórica e História da língua não podem ser reduzidas a um único paradigma; no entanto, não parecem inteiramente distintas como mostram, ao mesmo tempo, a circulação de professores entre instituições e entre os diferentes postos e as transversalidades nas notas de aulas.

Com a presente tese, Muriel Jorge conclui que a análise de documentos oficiais publicados pelas referidas instituições coloca em evidência as dificuldades que encontram os três estudiosos e professores para se adaptar aos diversos públicos de estudantes e às preconizações oficiais. Já as notas das aulas refletem um trabalho de didatização que passa pelas diversas práticas de escrita, cujas especificidades são identificadas a partir dos pressupostos da Genética Textual. A pesquisa realizada pela autora mostra, portanto, como a história da ortografia francesa, embora ausente dos títulos dos cursos, está presente nas notas de aulas, e como o Latim vulgar é um tema que carrega grandes questões ideológicas e epistemológicas invisíveis nas publicações institucionais. O que temos é mais uma brilhante tese que dá a ver como se faz e como se produz uma história disciplinar e também institucional. Essa tese, igualmente, nos presenteia mostrando o quanto as notas de aulas são igualmente de grande valor para os estudos sobre a disciplinarização da língua e, de maneira exemplar, como as relações institucionais e os indivíduos não estão apartados do jogo ideológico quando da circulação do conteúdo a ser ensinado e dos saberes produzidos por ele.